

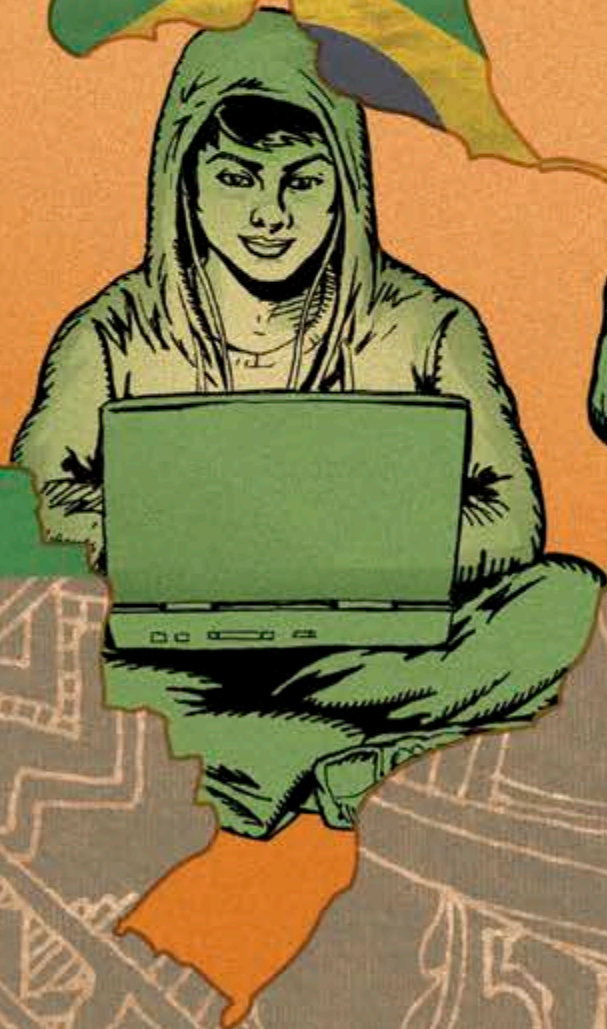
MINISTÉRIO DA CULTURA E PETROBRAS APRESENTAM

diálogos com a

GERAÇÃO Z

fronteiras educação

ÁFRICA: DESAFIOS DE UM
CONTINENTE GLOBALIZADO



Ano 3 | 2012 | #04



O continente origem da vida humana, cenários da vida selvagem, negros, safaris, abusos coloniais europeus, violência do tráfico de gente e do contrabando de minérios, tambores e cores, arte e literatura originais. Um mundo que também fala nosso idioma, a África lusófona. A África que nutriu o Brasil de gente prisioneira por quase 400 anos, capturada e transplantada, escravos negros africanos, hoje brasileiros. E o racismo? E o peso da miséria, em uma disputa histórica desigual? E o valor dos legados culturais que estão no coração da identidade brasileira?

Olhamos sempre de fora e de longe. Que se dirá, portanto, para continentes e nações distantes um oceano, o Atlântico, que nos separa e aproxima? Para conhecer o outro, portanto, é preciso antes saber que há dois pontos de vista: o nosso e o dele. Há mesmo três pontos de vista: o nosso, o dele e o de outros. A África foi e é vítima de numerosas imagens que a descrevem como selvagem; nesta condição, está historicamente exposta à voracidade exploratória estrangeira há séculos e, também, na atualidade. Mas a África é também protagonista de culturas riquíssimas, e chegou a hora de conhecê-la, ouvir o que ela mesma tem a dizer.

Eis conosco Mia Couto (1955), talentoso escritor moçambicano, autor de poesia e prosa em português, porém trazendo a visão africana da sua história. Seu país, situado na costa africana sul oriental do oceano Índico, só conquistou a independência de Portugal em 1975, quando Mia fazia 20 anos. Escritor e biólogo, examina a condição humana e se oferece como ponte, aproximando-nos de um mundo tão distante e próximo, a África.

Mama

O médico Denis Mukwege (1955) apresenta um retrato patético sobre a violência e a resistência humanitária em uma nação atormentada pela guerra e o tráfico de minérios e armas, o Congo. Há um quadro de problemas africanos, muitos deles em grau de calamidade, que são questões de direitos humanos e de conhecimento e solidariedade histórica. Não podemos fingir que não existem, ou que são deles e não nossos. Mukwege pediu nosso apoio quando esteve no palco do **Fronteiras do Pensamento**. Precisamos encontrar formas de atender a este apelo. Nossa principal arma é o conhecimento, sobretudo de profissionais da saúde, necessários em um mundo atingido por epidemias, sendo a AIDS a pior delas, mas não a única.

Mosaico é um tipo de arte greco-romana composta de centenas de pequenos cubos (*tesserae*). E somente com a soma e a percepção conjunta de todos estes pequenos pedaços é que conseguimos compreender do que ele trata. É o desenho que propomos neste fascículo, um mosaico de cenários, memórias, conceitos, estéticas, autores e textos relacionados à África, inclusive a questão da africanidade brasileira. Ao conhecer melhor este mundo, reconhecemos e conquistamos uma parte de nossa própria identidade, brasileira e humana, e de um fascinante universo histórico, seu passado, presente e perspectiva de futuro. Mama África, música de Chico César, solteira, pobre, feliz.

África

ÁFRICA,

UM PANORAMA HISTÓRICO

#Homo sapiens

Do latim “homem sábio”, designa a condição plena da humanidade no processo evolutivo das espécies. Originou-se na África há cerca de 200 mil anos. Detentor de um cérebro altamente desenvolvido, com grande capacidade para raciocínio abstrato, linguagem e resolução de problemas. Isso, somado ao corpo ereto, permitiu a criação e a utilização de ferramentas para alterar o ambiente à sua volta.

#Ofir

Região mencionada na Bíblia, muito famosa por sua riqueza natural. Os povos indígenas brasileiros acreditavam que todos aqueles que habitavam a América do Sul e Central, em épocas passadas, descenderam da mesma raça humana que se desenvolveu no país do Sol, “Ophir”, terra situada entre a África e a América do Sul, ligando os dois continentes.

Existem várias versões sobre a origem da palavra África. Os gregos usavam o termo “Líbia” e os romanos a palavra “África” para referirem-se à área geográfica que hoje corresponderia a Marrocos, Tunísia, Argélia e Líbia, diferenciando-a do Egito e da Etiópia.

Europeia

Teria surgido do grego *aphriké* (sem frio) ou do romano *africus* (nome de um vento mencionado na mitologia) ou do termo latino *aprica* (ensolarado).

Berbere

Derivada de *Avringa* ou *Aourigha*, nome da tribo Berbere que habitava o norte do continente na Antiguidade. Os berberes são descendentes de um povo que habitava a Numídia (202-46 a.C.), localizada perto da fronteira oriental da Argélia, país ao norte do continente.

Árabe

Segundo esta hipótese, viria do árabe *afrigii* ou *afri-di* ou ainda *afira* (empoeirado). O mais provável é que os árabes tenham traduzido o nome romano.

Outras

Derivaria do reino bíblico de **Ofir**, que poderia vir do fenício *Apikt* ou *Pharikia* (terra dos frutos).

O *Homo sapiens* surgiu na África Oriental, na pré-história. As evidências de agricultura africana datam de 16 mil a.C. e o uso de metais por volta de 4 mil a.C. Os primeiros registros vêm do Egito, passando pela Núbia (extremo sul do vale do Nilo), Magrebe (região noroeste, incluindo Marrocos, Sahara Ocidental, Argélia e Tunísia) e Chifre da África (região nordeste, inclui a Somália, a Etiópia, o Djibouti e a Eritreia). Durante a Idade Média, o Islã se espalhou por essas regiões, cruzando Magrebe através do Atlas, Saara e Sahel (região entre o deserto do Saara e as terras mais férteis ao sul, na bacia do Níger, que forma um corredor quase ininterrupto do Atlântico ao mar Vermelho, numa largura que varia entre 500 e 700km). Desde o século VII, os árabes muçulmanos tomaram escravos na África oriental e saariana e, a partir do século XV, os europeus passaram a promover o tráfico transatlântico. A colonização europeia foi rapidamente desenvolvida durante os séculos XIX e XX. Com o final da Segunda Guerra Mundial e o enfraquecimento da Europa, iniciou-se o processo de descolonização, que culminou com as independências das atuais nações africanas nas décadas de 1950 a 1970.

DADOS GERAIS

Área: **30** milhões de km²
situados nos hemisférios norte e sul

População: **887** milhões de habitantes
segundo continente mais populoso do mundo

63% da população habita o meio rural
apenas **37%** moram em cidades

Economia: **36%** dos habitantes ganham menos de R\$ 2 por dia dos 30 países mais pobres do mundo, **21** são africanos (problemas de subnutrição, analfabetismo e baixa expectativa de vida)
o Produto Interno Bruto corresponde a apenas **1%** do PIB mundial

4 MILHÕES A.C.

Aparecimento do *Australopithecus* na África oriental

1 MILHÃO A.C.

Migração do *Homo erectus* da África para outros continentes

200 MIL A.C.

Aparecimento do *Homo sapiens* na África

19 A 5 MIL A.C.

Agricultura e criação de animais no Vale do Nilo

3200 A.C.

Faraós unificam o Estado Egípcio

2250 A.C.

O Estado Kerma, antiga civilização africana, governa a Núbia no Sudão

1570 A.C.

As dinastias Egípcias colonizam a Núbia



A paleta de Narmer (3.200 a.C.) é uma peça de ardósia cuja decoração representa acontecimentos do processo de unificação do alto e baixo Egito sob o rei Narmer.



Núbia é uma região no vale do rio Nilo que atualmente é partilhada por Egito e Sudão mas onde, na Antiguidade, desenvolveu-se o que se pensa ser a mais antiga civilização negra da África. Na imagem, as pirâmides de Núbia em 2001.



Os fenícios foram uma civilização antiga cujo epicentro se localizava ao longo das regiões litorâneas dos atuais Líbano, Síria e Israel. Fundaram uma colônia no norte da África, Cartago, cujas ruínas vemos na imagem. Sua cultura comercial marítima se espalhou pelo mar Mediterrâneo entre 1.500 a.C. a 300 a.C. Primeira sociedade a fazer uso do alfabeto.



A cidade de Alexandria, com seu mítico farol, foi um ícone do domínio grego no Egito. Na imagem, o **farol de Alexandria** é representado em um mosaico de 400 d.C.



Rotas de comércio do Norte da África representadas no Atlas Catalão, o mais importante mapa produzido do período medieval, pela Escola Maiorca de Cartografia em 1375.



Vista geral das ruínas do Grande **Zimbábue**.



Dinar almorávida. Os almorávidas foram guerreiros adeptos do Islã que unificaram grandes extensões do Magrebe, territórios ao sul do Saara e ao centro e sul da atual Península Ibérica.



Comércio de tecidos no reino do **Congo**. Ilustração do livro *Missione Evangelica*, do Padre Antonio Cavazzi de Montecuccolo, do século XVII.



Influência do **cristianismo** na iconografia da antiga Etiópia: à esquerda, representação dos arcanjos Gabriel, Miguel e Rafael; à direita, os 12 apóstolos de Cristo.



Os Cuches, antiga civilização africana, se estabelecem no Sudão	Fenícios fundam a cidade de Cartago	Os Cuches da Núbia governam o Egito	Desenvolvimento da civilização de Meroé, na Núbia	As tropas de Alexandre Magno invadem o Egito	Os romanos controlam o Egito	Aparecimento e desenvolvimento do Reino de Axum na África oriental	Aparecimento da civilização de Gana, na África ocidental	Data aproximada do início das construções do antigo Estado do Grande Zimbábue	Expansão islâmica no norte e estabelecimento na Núbia (652) e no Magrebe (695)	Ocupação de Gana pelos Almorávidas	Período provável da fundação do Reino do Congo
1100 A 500 A.C.	814 A.C.	760 A.C.	500 A.C.	332 A.C.	40 A.C.	SÉCULOS I A VI	SÉCULO IV	400	639	1076	1300
1415	1445	1456	1475	1575	1630	1652	1795	1870-1885	1945	1950-1970	
Portugueses vencem os Mouros e tomam Ceuta, no Norte Africano	Presença constante de mercadores portugueses no Rio Senegal	Contatos comerciais entre os reinos da Senegâmbia e da Guiné com portugueses	Tratado de Alcáçovas-Toledo permite aos portugueses a introdução de escravos africanos na Espanha	Portugueses invadem Angola, transformando o reino de Ndongo em colônia	O reino do Congo é dominado pelos portugueses	Início do povoamento europeu da região do Cabo, na África do Sul	Inglese assumem controle político da África do Sul, transformando-a em colônia	Consolidação do domínio Europeu na África	Início do pan-africanismo, do movimento da negritude e dos movimentos anticoloniais na África e na Europa	Consolidação da descolonização, independências e criação das nações africanas contemporâneas	

Caixa com 60cm de comprimento representando a entrada do **palácio de Obá**, no Reino do Benin, século XVII.



Ruínas de **Gondar**, capital do reino da Etiópia, fundada em 1580.



Cidade de **Loango**, capital do Reino do Congo. Ilustração do livro *Description de l'Afrique*, de Olfert Dapper, Amsterdã, 1686.



O jovem **Nelson Mandela**, em 1937.



Painel do Movimento de Libertação de Angola, em **Luanda**.



Placa do governo durante o **apartheid** indicava os locais permitidos apenas para pessoas brancas.



Wole Soyinka (1934), considerado o mais notável dramaturgo africano, Nobel de Literatura em 1986.



O berço da humanidade



“Aconteceu num debate, num país europeu. Da assistência, alguém me lançou a seguinte pergunta:
– Para si, o que é ser africano?
Falava-se, inevitavelmente, de identidade versus globalização.
Respondi com uma pergunta:
– E para si, o que é ser europeu?
O homem gaguejou. Não sabia responder. Mas o interessante é que, para ele, a questão da definição de uma identidade se colocava naturalmente para os africanos. Nunca para os europeus. Afinal, é a própria pergunta que necessita ser interrogada.”

Mia Couto

Tanto os estudos do DNA quanto os achados paleoantropológicos evidenciam que o *Homo sapiens* teve origem na África. O mesmo se deu com os hominídeos, os primeiros seres da vasta família dos primatas a se destacarem na linha evolutiva da humanidade, ao adotar uma postura ereta. Escavações na Etiópia apresentaram os fósseis de Lucy e da menina Selam (“paz”, em diversas línguas etíopes), ambos [Australopithecus afarensis](#).

A história da África se confunde com a história da humanidade, embora muitas vezes se tenha pensado que a África não tinha história, porque suas sociedades não utilizavam a escrita. Hoje se sabe que diversas de suas sociedades antigas conheceram formas particulares de escrita, como o *geêz*, ou *guez*, na Etiópia, e o *tifinagh*, entre os tuaregues. A oralidade é fundamental nas sociedades africanas, através delas se manteve parte importante da memória dos seus povos.

A África nunca foi isolada. Em seu vasto litoral oriental, do mar Vermelho até o oceano Índico, diferentes níveis de contatos foram estabelecidos com árabes e iemenitas, persas, indianos e, inclusive, chineses, desde antes do século XVI. Pelo norte,

às margens do mar Mediterrâneo, desde o Egito até o Marrocos, as vias de comunicação abertas pelos mercadores árabe-muçulmanos com os berberes e tuaregues produziram a criação da civilização magrebina. O deserto do Saara foi cortado por diversas rotas comerciais de ligação com os povos da Bacia do Níger e da floresta tropical desde o século VIII, pelo menos.

Por essas vias circulavam mercadorias, ideias, técnicas, mas também escravos, alimentando o processo de escravização de populações africanas incluídas no maior fenômeno de migração forçada da humanidade: o tráfico transatlântico de escravos, que existiu entre a metade do século XV até a metade do século XIX, sendo responsável pelo deslocamento de mais de 10 milhões de pessoas para a Europa e, principalmente, a América.

No Brasil, em torno de 4 milhões de africanos desembarcaram em sua grande maioria na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. O país foi o principal receptor de escravos na América, sendo seguido pelas colônias da Inglaterra nas ilhas do Caribe, atuais Cuba e Jamaica, e pela colônia francesa de São Domingos, atualmente o Haiti.

#Australopithecus afarensis

É um hominídeo extinto que viveu entre 3,9 e 2,9 milhões de anos. O nome científico provém da região onde foi encontrado o seu primeiro fóssil, em 1974: a Depressão de Afar, na Etiópia.

Todo brasileiro é africano

A contribuição do negro às diversas culturas, principalmente à brasileira, é inestimável, a tal ponto que falar de “contribuição” é pouco, uma vez que ela é constitutiva dessa cultura. Não é possível imaginar nosso país sem os desfiles de escolas de samba, sem a dança de suas passistas, o ritmo de sua bateria, a beleza e o impulso de vida reconhecidos no mundo inteiro. A sociedade brasileira foi profundamente marcada por valores civilizatórios africanos, como a gestualidade, a musicalidade e a expressão corporal que se faz presente nessas manifestações. Parte é também dos brancos, constituindo, no seu conjunto, uma expressão nova, nascida da fusão dos muitos elementos de nossa sociedade mestiça, expressões culturais brasileiras genuínas.



O termo “raça” vem do latim *ratio*, que significa categoria, sorte ou espécie. O racismo designa qualquer conjunto de crenças que classifique a humanidade em coletividades distintas, definidas em função de atributos naturais e/ou culturais, e que organize esses atributos em uma hierarquia de superioridade e inferioridade.

RAÇAS, ETNIAS E DIFERENÇAS

As formas de expressão do racismo podem ser individuais ou coletivas; podem variar de manifestações de desprezo e de preconceito (através de palavras, gestos, imagens que reproduzem estereótipos ou que inferiorizem pessoas) até a discriminação (tratamento desigual em ambientes privados ou públicos; desigualdade de oportunidade de acesso aos benefícios sociais) e a segregação (impedimento à participação em determinadas instâncias da sociedade, separação total dos demais grupos sociais). O racismo pode encontrar legitimidade nas práticas sociais de determinados indivíduos ou grupos, ou estar amparado em leis e em instituições discriminatórias. Em todos os casos, apresenta-se como um problema de caráter social, com graves consequências políticas e econômicas.

A classificação racial que atribuía aos colonizadores o poder de separar a população entre “superior” e “inferior” não ficou restrita à América, expandindo-se para outros espaços culturais afetados pelo colonialismo e o imperialismo europeus. Criou novas identidades sociais (índios, negros e mestiços), redefiniu outras e, também, suscitou teorias que, na verdade, são conceitos com *status* de ciência.

É o caso do cientista suíço [Louis Agassiz](#), para quem as diferentes espécies (ou raças) estariam relacionadas às diferenças climáticas. Assim, a raça branca seria superior, tanto em qualidades mentais quanto sociais, demonstrando, inclusive, sua capacidade de “criar civilizações”.

O chamado darwinismo social desenvolveu-se a partir da Teoria da Evolução de [Charles Darwin](#), aplicada mecanicamente por [Herbert Spencer](#) como explicação da evolução das sociedades. Em viagens ao redor do mundo, Darwin colheu dados sobre a adaptação das diferentes espécies animais e vegetais ao seu meio ambiente. A teoria acabou sendo usada para justificar a dominação europeia sobre o resto do mundo, a guerra e o

domínio “do mais forte sobre o mais fraco, do mais adaptado sobre o menos adaptado”.

Outra escola do pensamento racista surge com [Joseph de Gobineau](#), que afirmava ser a raça o fator determinante da história humana. Sua teoria apresentava a “raça suprema ariana”, como “produtora exclusiva de civilização” assim como associava “a mestiçagem à decadência”.

No Brasil, o antropólogo [Nina Rodrigues](#) foi um ferrenho defensor de doutrinas racistas. Ele não via a mistura das raças como algo positivo para o país. Ele se opunha à tese de que o Brasil se tornaria branco, através do processo de miscigenação, crença então defendida pelo cientista [João Batista de Lacerda](#).

Por causa de teorias como essas, muitos estudiosos preferiram deixar de lado o conceito de *raça* e adotar o de *etnia*. Ao falar em raça, mesmo que de forma ressignificada, acabamos presos ao determinismo biológico, que, na verdade, já foi abolido pela biologia e a genética atuais. O conceito de *etnia* diz respeito a um grupo que possui algum grau de coerência e solidariedade, definido pela cultura e pelas formas de organização social.

RACISMO, LEI E EDUCAÇÃO

O artigo 5º da Constituição Brasileira diz que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Mas, apesar de vigorar há mais de 20 anos, a Lei nº 7.716/1989, conhecida como Lei Caó, que classifica o racismo como crime inafiançável, punível com prisão de até cinco anos e multa, é pouco aplicada no país. A maior parte dos casos de discriminação racial, quando punida, é classificada no artigo 140 do Código Penal como injúria, que prevê punição mais branda, de um a seis meses de prisão e multa.

O preconceito é um problema social grave e deve ser superado através da educação. Nesse sentido, foi criada a Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio no país. Neste início do século XXI, quando o Brasil revela avanços na implementação da democracia e na superação das desigualdades sociais e raciais, torna-se um dever democrático das instituições públicas e privadas de ensino a execução de ações, projetos, práticas, desenhos curriculares e novas posturas pedagógicas que atendam ao preceito legal da educação como um direito social e incluam, nesse, o direito à diferença.

#Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873)
Zoólogo e geólogo suíço, notório pela *Expedição Thayer*, realizada entre 1865 e 1866, que executou registros fotográficos das etnias brasileiras no Rio de Janeiro e na Amazônia.

#Charles Robert Darwin (1809-1882)
Naturalista britânico, desenvolveu a Teoria da Evolução por meio da seleção natural, a qual afirmava que características favoráveis hereditárias tornam-se mais comuns em gerações sucessivas através da reprodução.

#Herbert Spencer (1820-1903)
Filósofo, biólogo e sociólogo britânico, considerado pai do darwinismo social.

#Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882)
Diplomata, escritor e filósofo francês, um dos mais destacados teóricos do racismo no século XIX.

#Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906)
Médico legista e psiquiatra e antropólogo brasileiro. Em 1894, publicou ensaio no qual defendeu a tese de que deveriam existir códigos penais diferentes para raças distintas.

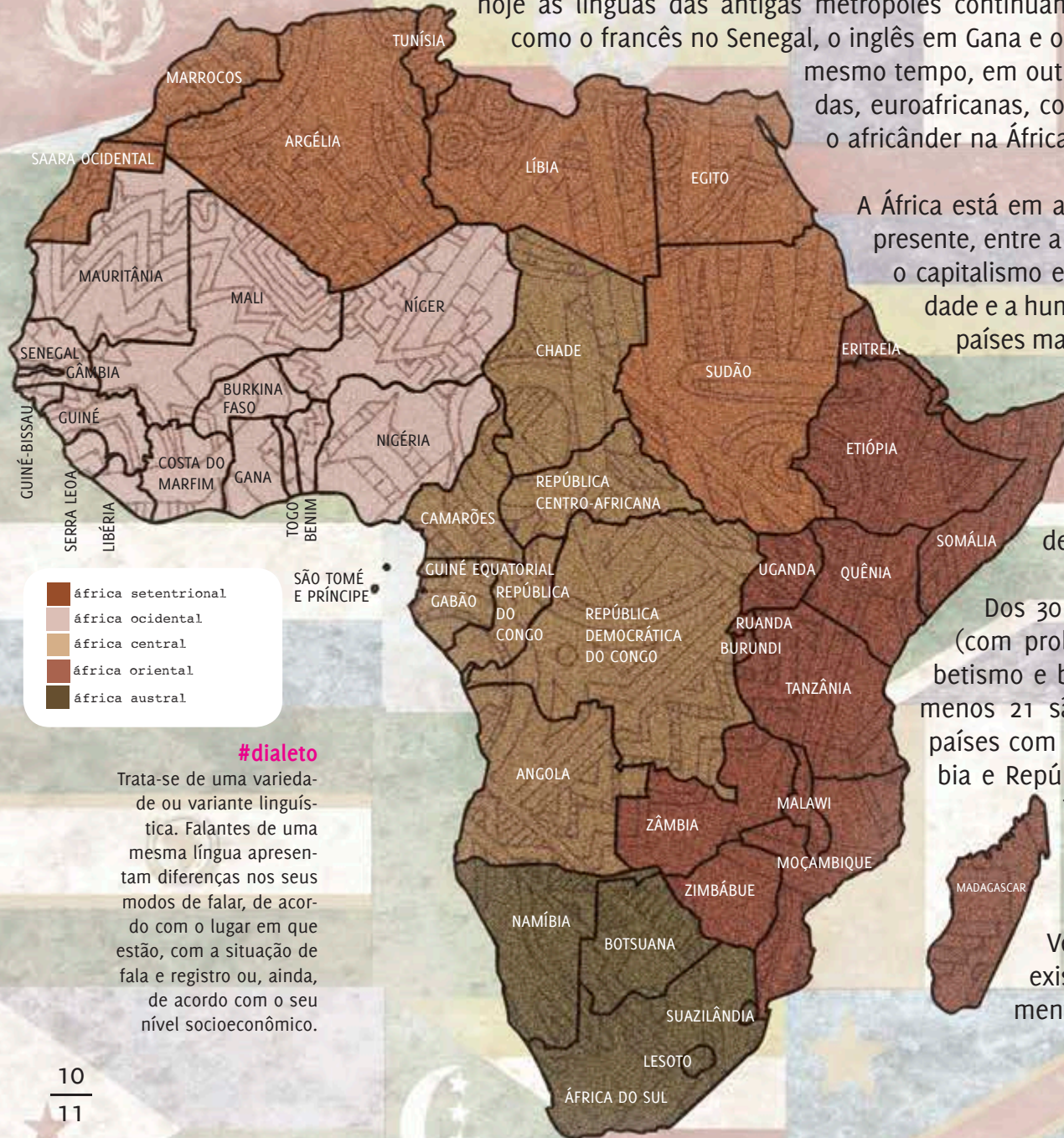
#João Batista de Lacerda (1846-1915)
Médico e cientista brasileiro, fez estudos pioneiros com os venenos de ofídios e anfíbios. Dedidou-se também à microbiologia e a pesquisas sobre a febre amarela.

AS MÚLTIPLAS ÁFRICAS

Com cerca de um bilhão de habitantes distribuídos em 54 países, o continente africano possui uma das maiores diversidades culturais do planeta. Ela se reflete nas mais de mil línguas existentes, sem contar os inúmeros **dialetos**. Devido ao período de colonização europeia, até hoje as línguas das antigas metrópoles continuam a ser usadas correntemente, como o francês no Senegal, o inglês em Gana e o português em Moçambique. Ao mesmo tempo, em outros locais vigoram línguas híbridas, euroafricanas, como o crioulo na Guiné-Bissau e o africânder na África do Sul.

A África está em algum lugar entre o passado e o presente, entre a modernidade e a tradição, entre o capitalismo e o socialismo e entre a africanidade e a humanidade globalizadas. Enquanto países mais ricos investem em tecnologias de ponta, o continente ainda é pouco urbanizado e suas atividades são marcadamente agrícolas, extrativistas e voltadas para o comércio exportador de matérias-primas.

Dos 30 países mais pobres do mundo (com problemas de subnutrição, analfabetismo e baixa expectativa de vida), pelo menos 21 são africanos. Mesmo existindo países com boa qualidade de vida como Líbia e República do Maurício e outros com índices de desenvolvimento razoáveis, como a África do Sul (a maior economia africana), Marrocos, Argélia, Tunísia, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, não existe nenhum país africano realmente desenvolvido.



#dialeto

Trata-se de uma variedade ou variante linguística. Falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar, de acordo com o lugar em que estão, com a situação de fala e registro ou, ainda, de acordo com o seu nível socioeconômico.

ÁFRICA SETENTRIONAL

Também chamada de África do norte ou “África branca”, compreende os países localizados ao norte: Marrocos, Tunísia, Argélia, Líbia, Sudão, Saara Ocidental e Egito. A taxa de crescimento da região caiu para 0,61% em 2011 contra 4,4% em 2010. A má situação econômica abriu caminho para os radicais islamitas, que preocupam pelo uso da violência, a exemplo dos **salafistas**. A região vem sofrendo grandes mudanças motivadas pela Primavera Árabe.

Alguns Países

Marrocos: **monarquia constitucional**, rei Mohammed VI

Tunísia: **Estado unitário**, presidente Moncef Marzouki

Argélia: **república semipresidencialista**, presidente Abdelaziz Bouteflika

Líbia: governo provisório, presidente do Congresso Geral Nacional Mohamed Yousef el-Magariaf

Egito: República Semipresidencialista, presidente Mohamed Morsi

ÁFRICA OCIDENTAL

A pobreza e a falta de oportunidades econômicas são as causas mais citadas para explicar a contínua instabilidade na África ocidental, região em que habitam 340 milhões de pessoas e estão 10 dos 25 países mais pobres do mundo. Entretanto, a Nigéria está numa fase de rápido crescimento, foi o país mais cotado para integrar o BRICS e se tornar a maior liderança da África, atraindo cada vez mais investimentos. Dos países dessa região, apenas Cabo Verde, Gana e Senegal não sofreram golpes de Estado nas últimas décadas.

Alguns países

República Islâmica da Mauritânia: república islâmica, presidente Mohamed Ould Abdelaziz

Cabo Verde: república parlamentarista, presidente Jorge Carlos Fonseca

República do Gana: república presidencialista, presidente John Dramani Mahama

República Federal da Nigéria: república presidencialista, presidente Goodluck Jonathan

Guiné-Bissau: república parlamentarista, presidente de transição Manuel Serifo Nhamadjo

ÁFRICA CENTRAL

A República Democrática do Congo vive uma guerra que se estende há mais de dez anos na qual estão comprometidos interesses econômicos de diversos países. Não é o caso da Angola, que tenta consolidar sua democracia. Em agosto de 2012, os angolanos foram às urnas pela terceira vez na história do país e escolheram, numa eleição transparente, o presidente José Eduardo dos Santos, no poder há quase 33 anos. Algumas das mudanças pelas quais o país está passando são extremamente visíveis, como os avanços na saúde pública e na reconstrução de estradas.

Alguns países

República Democrática do Congo (anteriormente Zaire): república semipresidencialista, presidente Joseph Kabila

Angola: república presidencialista, presidente José Eduardo dos Santos

República do Congo (chamada Congo-Brazavile para se distinguir da vizinha República Democrática do Congo): república presidencialista, presidente Denis Sassou-Nguesso

Camarões: república parlamentarista, presidente Paul Biya

São Tomé e Príncipe: república semipresidencialista, presidente Manuel Pinto da Costa

#salafistas

Movimento reformista islâmico que surgiu no Egito ao final do século XIX, com o objetivo de reformar a doutrina islâmica e adaptá-la aos novos tempos.

#monarquia constitucional ou parlamentarista

Sistema político que reconhece um monarca eleito ou hereditário como chefe de Estado, mas estabelece uma constituição que limita seus poderes.

#Estado unitário

Sistema em que qualquer unidade subgovernamental pode ser criada ou extinta e ter seus poderes modificados pelo governo central.

#república semipresidencialista

A linha divisória entre os poderes do chefe de Estado e do chefe de governo varia em cada país.

#Guiné-Bissau

Apesar do quadro democrático e constitucional, os militares ainda exercem poder e interferem na liderança civis. Nos últimos 16 anos, o país sofreu dois golpes de Estado, uma guerra civil, uma tentativa de golpe e um assassinato presidencial pelos militares.

ÁFRICA ORIENTAL

Formada por Comores, Djibuti, Eritreia, Etiópia, Quênia, República do Maurício, Seicheles, Somália, Tanzânia, Burundi, Ruanda, Uganda, ilha Reunião (área francesa no oceano Índico) e Mayotte (área francesa no Arquipélago das Comores). E, ainda, Moçambique, Madagascar, Zimbábue, Zâmbia e Malawi, que são frequentemente consideradas parte da África meridional. É difícil encontrar unidade entre tantos países, mas muitos compartilham de políticas ou histórias similares, que integram as culturas do Índico. Falta de desenvolvimento político e democracia, além de inúmeros conflitos, são algumas das experiências compartilhadas. Os constantes pedidos de ajuda internacional para saldar débitos e organizar suas legislações comerciais, propiciam uma maior influência externa nesses países.

Alguns países

Zimbábue: república semipresidencialista, presidente Robert Mugabe

Etiópia: república parlamentarista, presidente Girma Wolde-Giorgis

Ruanda: república, presidente Paul Kagame

Uganda: república, presidente Yoweri Museveni

Moçambique: república presidencialista, presidente Armando Guebuza

ÁFRICA AUSTRAL

Também chamada de África meridional, é a parte sul do continente, formada pela África do Sul, Botswana, Lesoto, Namíbia e Suazilândia. A entrada da África do Sul na cúpula dos BRICS, em 2010, foi relevante para o continente, já que indiretamente inclui no bloco a agenda africana. A África do Sul se posiciona como uma potência regional, contribuindo para a possibilidade de ascensão de outros países da região. Mesmo com todos os desafios socioeconômicos, os investidores internacionais estão voltando seus olhares para países como a Nigéria, que já mostra taxas de crescimento expressivas.

Alguns países

África do Sul: república presidencialista, presidente Jacob Zuma

Namíbia: república parlamentarista, presidente Hifikepunye Pohamba

PRIMAVERA ÁRABE

Em 17 de dezembro de 2010, Mohamed Bouazizi, um jovem tunisiano de 26 anos, ateou fogo ao próprio corpo. A autoimolação, motivada pelo descontentamento com a situação geral das condições de vida no país, tornou-se símbolo de uma revolução que, posteriormente, se espalhou por outros 16 países do **mundo árabe**, numa série de eventos intitulados como Primavera Árabe, com objetivo de questionar os regimes autoritários e centralizadores desses países. Já ocorreram revoluções na Tunísia e no Egito, uma guerra civil na Líbia; grandes protestos na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Síria, Omã e Iêmen e conflitos menores no Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. O movimento coloca em evidência as profundas ligações da África com a comunidade muçulmana.

A raiz dos protestos é o agravamento da situação desses países, provocada pela crise econômica e pela reivindicação de modelos democráticos de participação política. A população sofre com as elevadas taxas de desemprego e com o alto custo dos alimentos e pede melhores condições de vida. A onda de revoltas já provocou a queda de três governantes na África setentrional. Enquanto os ditadores da Tunísia e do Egito deixaram o poder sem oferecer grande resistência, Muammar Kadafi, da Líbia, foi morto em uma rebelião interna com ação militar decisiva da **OTAN**.

Na Argélia, milhares protestaram contra o alto custo de vida e para exigir maior liberdade política. Mesmo que Marrocos e Mauritânia tenham conseguido lidar com as manifestações e reivindicações, o contexto dos demais países é agravado pela crise financeira da Europa, que diminui o crescimento e a oferta de emprego aos imigrantes africanos e do mundo muçulmano. A esse quadro devem-se juntar as péssimas condições de vida e o predomínio de governos ditatoriais.

Na Nigéria, milhares protestaram contra o custo de vida, as condições sociais e o desrespeito pelos direitos civis, resultando em centenas de mortos. Após alguns anos de relativa estabilidade, Guiné-Bissau assistiu durante dois meses a manifestações exigindo a dissolução do governo, com mais de 10 mil pessoas na rua. Burkina Faso foi abalado por violência e protestos exigindo reformas no governo do presidente Blaise Compaoré, que já está no poder há 25 anos.

Essa Primavera se espalha também por países africanos não islamizados. O Gabão, por exemplo, assistiu a várias manifestações de oposição em 2011 denunciando a corrupção nas eleições presidenciais anteriores e exigindo o adiamento das novas eleições. Em Uganda, milhares saíram às ruas depois do presidente Yoweri Museveni permanecer no poder para um quarto mandato. No Quênia, houve aumento de preços dos alimentos e combustíveis e risco de greve dos funcionários públicos. No Botsuana, quase 90 mil pessoas participaram de uma marcha para exigir aumentos salariais no setor público.

#mundo árabe (ou arabofonia)

Conjunto de países que falam o árabe e se distribuem, geograficamente, do norte da África à Ásia ocidental. É constituído por 22 países e territórios com uma população aproximada de 360 milhões de pessoas.

#Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN

Aliança militar intergovernamental criada em 1949 sob forte influência dos Estados Unidos, com sede em Bruxelas, na Bélgica. É um sistema de defesa coletiva na qual seus estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por uma entidade externa.



A riqueza e a guerra no Congo

Com mais de 60 milhões de habitantes, a República Democrática do Congo está situada no coração do continente. Sua história é marcada pela violência, tanto por parte dos colonizadores belgas como por seus próprios governantes, assim como por parte dos exploradores das suas riquezas minerais. Com mais de 5 milhões de mortos e 500 mil mulheres vítimas de violência sexual, o Congo está à margem da preocupação da comunidade internacional.

Assim como acontece com o petróleo na Nigéria e os diamantes em Angola e na África do Sul, no Congo há empresas internacionais que, aliadas às classes dominantes e aos exércitos locais, exploram as riquezas naturais. O Congo possui mais de R\$ 48 trilhões em riquezas minerais, mas está entre os 22 países mais pobres do mundo.

Empresas de tecnologias da informação estão muito interessadas no **Coltan**. Embora extraído no Brasil, na Tailândia e, principalmente, na Austrália, é a República Democrática do Congo que concentra mais de 80% das jazidas. No país, surgiu uma série de empresas associadas entre grandes capitais transnacionais, governos locais e forças militares que disputam o controle da região para extrair este e outros minerais.

Usado nos microchips das baterias dos telefones celulares para aumentar a duração da carga, o Coltan permitiu a eclosão do negócio desses aparelhos, que já ultrapassaram, só no Brasil, 200 milhões de unidades.

Junta-se a essas propriedades o fato da extração do metal não exigir grandes despesas – é obtido cavando na lama – e de ser facilmente comercializado. Um trabalhador consegue extrair até 1kg do mineral por dia de trabalho e ganha, ao final da semana, de R\$ 20,00 a R\$ 100,00, sendo a média salarial mensal do congolês em torno de apenas R\$ 20,00. Os trabalhadores das minas são na maioria camponeses, prisioneiros de guerra e crianças que deixam as escolas – sempre vigiados por militares. Estima-se que o exército de Ruanda, por exemplo, já acumulou R\$ 500 milhões com a venda do Coltan do Congo.

#Coltan

Mistura dos minerais columbita e tântalita, que, na natureza, apresentam-se ligados. É um metal raro, duro e denso, muito resistente à corrosão e a altas temperaturas, excelente condutor de eletricidade e calor.

A luta de um humanista



Em meio a essa situação dramática, surge o trabalho do médico Denis Mukwege (1955), conferencista no *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2011, fundador e diretor do Hospital de Panzi, onde se especializou no atendimento a mulheres vítimas de violência sexual. É o maior especialista mundial em reparação interna de genitais femininos e coordena programas de HIV/AIDS. Mukwege recebeu, em 2008, o Prêmio Direitos Humanos das Nações Unidas pelo seu trabalho de proteção aos direitos e à dignidade de milhares de mulheres congoleesas. Em 2009, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz, vencido pelo então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama.

Em outubro de 2012, Mukwege também foi vítima de violência na cidade de Bukavu. Quatro homens armados invadiram sua residência para tentar matá-lo, mas erraram o alvo e acabaram fugindo. Um dos seus guarda-costas foi morto na emboscada. O motivo do ataque foi vingança: “Eles se revoltam quando denunciarmos seus crimes”, lamentou Mukwege.

A CRIAÇÃO ARTÍSTICA AFRICANA

No rico e variado campo da criação artística africana, é possível distinguir pelo menos duas formas principais através das quais ela se manifesta. A primeira, conhecida como arte tradicional, representa uma soma de elementos simbólicos e místicos com finalidade religiosa ou prática. De notável senso estético, seus motivos são variados, tratam do cotidiano, das crenças e de cenas de caça e guerra. A segunda, arte contemporânea africana, é desenvolvida por artistas nascidos no continente mas que atuam fora dele, sobretudo na Europa e na América do Norte, no contexto das trocas culturais promovidas pela diáspora negra no Novo Mundo.



Registros da arte pré-histórica africana, nas rochas e cavernas no deserto do Saara, datam de aproximadamente 6 mil anos, fazendo delas um dos maiores e mais belos museus pré-históricos do mundo. Nas inscrições rupestres das cavernas de Tassili n'Ajjer, ao sul da Argélia, nas de Tadrart Acacus, ao sul da Líbia, e nas do norte do Chade, todas em ambiente desértico, percebem-se elefantes, hipopótamos e crocodilos, cenas de caça e pesca, habitações, distrações e a ilustração de crenças religiosas.

Desde o III milênio a.C., o Egito produziu uma arte monumental para o enaltecimento dos faraós e para a glória de seus deuses. Na África ocidental, as esculturas mais antigas conhecidas pertencem à cultura Nok, da Nigéria. São obras feitas em terracota com a representação de corpos humanos dotados de grande realismo, confeccionadas aproximadamente em 500 d.C. Depois, métodos complexos de criação artística seriam desenvolvidos. As obras que melhor expressam o grau de desenvolvimento das antigas civilizações africanas foram criadas na antiga cidade do Benin, no decorrer dos séculos XV a XVII, em madeira, marfim e, principalmente, retratos em alto-relevo feitos em bronze ou latão de cenas estilizadas da corte dos poderosos governantes, os obás. Essas obras encontram-se hoje espalhadas pelos grandes museus da Europa e são consideradas obras-primas da arte universal pela qualidade técnica e a perfeição das formas.

Arte como experiência

Os povos africanos faziam seus objetos de arte utilizando elementos da natureza: esculturas de marfim, máscaras entalhadas em madeira e ornamentos em ouro e bronze. Esculpiam e pintavam temas mitológicos, animais da floresta, cenas das tradições, personagens do cotidiano. Por retratarem um universo complexo de elementos, as “Artes da África” não eram meramente visuais, mas, sim, experiências. Um exemplo são as famosas máscaras, protagonistas desta arte. A crença de que possuíam determinadas virtudes mágicas transformou-as em foco de pesquisas. Para os africanos, as máscaras representavam um disfarce místico com o qual poderiam absorver a energia vital dos espíritos. Serviam também para identificar os membros de certas sociedades secretas, como os ferreiros do antigo Mali, conhecidos pelo nome “Komo”. A arte africana é plural e multidimensional, seus objetos são verdadeiras experiências físicas e espirituais.

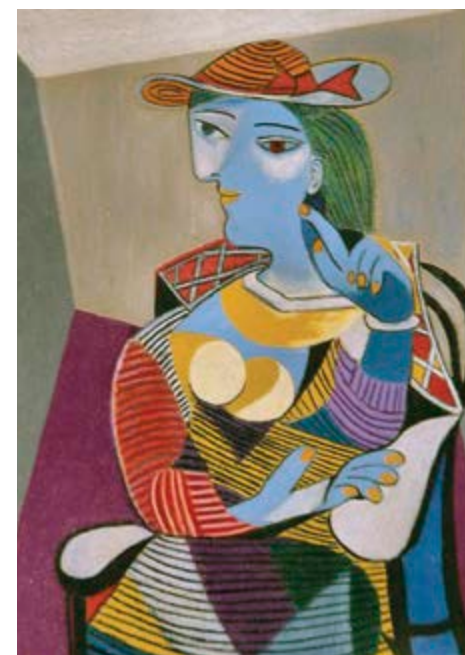
A representação simbólica

O desenho de joias e as texturas entalhadas na superfície de certos objetos da arte africana também constituem uma linguagem gráfica particular. São padrões e modelos sinalizando origem e identidade

que aparecem também na arquitetura, na tecelagem ou na arte corporal. Do tamanho dos crânios ao penteados das estátuas, passando pela escolha das matérias-primas, tudo é simbólico: *status*, poder, crenças religiosas etc. Conflitos filosóficos também são representados – como a relação do homem com o tempo, com a existência e com o cosmo, ou seja, tudo o que envolve a humanidade – o homem em sua interioridade sensorial e na sua relação com o mundo.

Dois grandes nomes da arte moderna, [Pablo Picasso](#) e [Henri Matisse](#), demonstram forte influência da arte africana tradicional em seus trabalhos. Picasso dizia que o “vírus” da arte africana o tinha contagiado. O uso de tons terrosos ou cores vivas, o traço geométrico e os espaços delimitados por linhas pretas são elementos comuns em ambos os trabalhos.

Matisse dialogava com as variadas formas africanas de expressar e representar o mundo essencialmente pelas cores fortes e puras. Sua escultura é especialmente inspirada na estatuária africana e nas máscaras ritualísticas.



#Pablo Picasso (1881-1973)

Pintor, escultor, poeta e desenhista espanhol, um dos mestres da arte do século XX. É conhecido como um dos pais do Cubismo, movimento artístico que surgiu nas artes plásticas e que tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas, representando todas as partes de um objeto no mesmo plano.

#Henri Matisse (1869-1954)

Artista francês, conhecido pelo uso da cor e seu desenho fluido e original. Desenhista, gravurista e escultor, reconhecido, principalmente, como pintor. É considerado um dos principais artistas do século XX.

ÁFRICA CONTEMPORÂNEA

novos contextos, novos nomes

George Lilanga (1934–2005)

Nascido em Kikwetu, aldeia no sul da Tanzânia. Seus trabalhos exploram o universo de seu grupo étnico, Maconde, que sempre resistiu a ser conquistado por outros povos africanos, árabes ou traficantes de escravos. São exímios escultores em pau-preto, árvore que alcança de 4 a 15m de altura, de casca cinza e espinhosa. Lilanga colore e enverniza a madeira, dando um aspecto moderno às esculturas que levaram seu trabalho para as principais galerias do mundo.

“Para nós, Maconde, arte é natural. É um trabalho importante e uma fonte de renda. Pessoalmente, muito do que conquistei na vida foi graças à arte.”



Chéri Samba (1956)

Nasceu na República Democrática do Congo e teve suas obras expostas em grandes museus como o Pompidou, em Paris, e o Museu de Arte Moderna de Nova York. Suas pinturas apresentam textos em francês e em lingala, língua de seu país, de alguns locais de Angola e do Congo (totalizando uma média de 10 milhões de falantes). Os textos versam sobre a vida na África contemporânea. A partir da década de 1980, Samba começou a se retratar nos próprios trabalhos para contar como é ser um pintor africano de sucesso no palco internacional.

“Me considero um pintor-jornalista, por isso uso textos. Minha matéria-prima é a vida cotidiana.”



Nos últimos anos, a proliferação de bienais em Dakar, Cidade do Cabo, Luanda e Cairo contribuíram para o estabelecimento de novas linhas de comunicação e infraestrutura entre artistas, curadores e historiadores de arte para que possam atuar no continente. Em Moçambique, uma tendência nas criações das artes plásticas pretende, a partir de expressões da cultura popular urbana, dialogar com as formas pós-modernas de arte, movimento que recebe o nome de MUVART.

Nesse novo cenário, a produtividade cultural africana está florescendo. Literatura, dança, música, teatro, belas artes e narrativas orais são expressas de novas e inventivas maneiras. Desvinculada da multiplicidade de identidades desenvolvidas durante o colonialismo, as migrações e a globalização, a noção de autenticidade é baseada, cada vez mais, na busca de um passado cultural singular.

Odili Donald Odita (1966)

Artista sul-africano da capital Cabo Verde. Suas telas enormes esbanjam cores e padrões geométricos que exploram a necessidade humana de encontrar padrões e referências para dar sentido ao mundo.

“O mais interessante, para mim, é a fusão de culturas que pareciam díspares e distantes que têm a habilidade de combinarem num fluxo perfeito. Por meio da arte, acredito que costuramos diferentes partes numa única existência, em que a noção metafórica de unidade pode ser compreendida como realidade.”



Nicholas Hlobo (1975)

Premiado artista sul-africano, morador de Joanesburgo. Formado em Tecnologia, cria esculturas imensas que contrastam feminino e masculino em materiais inusitados como borracha, tecidos e objetos aleatórios.

“Por meio das minhas obras, quero propor um questionamento sobre a cultura sul-africana e sobre as percepções de etnias e gêneros.”



NARRADORES DE SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS

Um dos fenômenos culturais característicos da África contemporânea é a capacidade de se autonarrar. Cineastas e fotógrafos do continente criam suas próprias imagens, narram seus próprios sonhos e mostram ao mundo seus pontos de vista através de uma indústria cinematográfica a cada dia mais forte e de uma produção fotográfica cada vez mais criativa.

Após a independência tardia da grande maioria dos países, o cinema transformou-se em um potencial de linguagem e comunicação para os africanos, que passaram a exercer o seu “direito de narrar”. Fora dos circuitos internacionais europeus e norte-americanos, a produção cinematográfica do continente precisou contar com o apoio de órgãos oficiais, abrindo espaços de exibição como as *Jornadas Cinematográficas de Cartago* (1965), o *Simpósio do Filme Pan-Africano de Mogadíscio* (1981) e, sobretudo, o *Festival Pan-Africano de Ouagadougou* – FESPACO (1972).

Considerado o criador do cinema africano, Ousmane Sembène (1923-2007) descreveu as contradições e desigualdades dessas sociedades. Atacou tanto o caráter reacionário da religião islâmica em *Ceddo*, de 1976, quanto a natureza opressora da colonização francesa em *Emitai*, de 1973, a corrupção da elite republicana em *Xala*, de 1975, e o caráter retrógrado e nefasto de costu-

mes populares, como a mutilação clitoriana das meninas, no derradeiro *Moolade*, de 2004.

Nas criações de seus cineastas mais importantes, como Souleymane Cissé (Mali, 1940), Djibril Diop Mambéty (Senegal, 1945-1998) e Flora Gomes (Guiné-Bissau, 1949), a África recupera a personalidade que o colonialismo lhe retirou. Sobressaindo o constante diálogo entre a tradição e a modernidade que, em vez de aparecerem como fenômenos antagônicos, são apresentados como complementares.

A Nigéria constituiu uma verdadeira indústria cinematográfica, que chamou de Nollywood. Os nigerianos produzem mais de 1.000 filmes por ano – o dobro da produção de Hollywood –, arrecadando em torno de US\$ 250 milhões, a terceira maior arrecadação mundial, atrás somente dos americanos e dos indianos (Bollywood). A indústria cinematográfica nigeriana é a segunda maior do país, perde apenas para a petrolífera.

Baseada em produções de baixo custo, em torno de US\$ 20 mil, Nollywood é financiada por produtores locais que vendem, em média, 100 mil vídeos a US\$ 3 a cópia. Esse esquema de produção e distribuição é o diferencial, e, apesar de não receber subsídios do governo, o cinema nigeriano transcendeu os limites do seu próprio território.

CRIADORES DE IMAGENS

OLHARES CONTEMPORÂNEOS

A África contemporânea desperta novos olhares, principalmente com a emergência de fotógrafos do continente, que vão construindo uma visão alternativa ao clichê da paisagem africana dos tempos coloniais. Também difere das imagens utópicas que alimentaram as abordagens pós-independências. Trata-se de uma imagem definitivamente urbana, evidentemente desequilibrada e com novos e distintos problemas que se misturam aos tradicionais.

Com criadores de imagens que vão do norte até à África do Sul, a fotografia mergulha profundamente nos mais diversos problemas, criando um retrato múltiplo de um continente em estado de ebulição.

Questões como o caos urbano, a miséria nas cidades, drogas ou desinserção, assim como a questão da mobilidade, seja nos campos de refugiados ou nas imagens de malianos em Paris, são capturadas por esses novos olhares. A guerra cíclica e sistêmica que atravessa a África, mas também o problema da educação, do uso dos recursos e da corrupção, são matéria de contestação aberta ao poder político.

Novas questões afloram, sobretudo relacionadas com a tradição ou com a afirmação de novas identidades que descolam do ordenamento social derivado dessa tradição. É o caso do lugar da mulher nas sociedades islâmicas ou do tabu da homossexualidade. As abordagens a essas realidades são bastante diversas. E esta diversidade, que é uma forte característica da arte fotográfica atual, ajuda a fazer dela um interessante e múltiplo retrato de um continente em transição.



© Arwa Abouon



Série: Generation, Sans titre (Mother Daughter), 2004



© Jodi Bieber

Série: Going Home, 2001



© Emeka Okereke

Sans titre, 2008

A África lusófona

Lusofonia é o conjunto de identidades culturais existentes em países, regiões, estados ou cidades falantes da língua portuguesa. O português é a língua oficial de oito países espalhados pelos quatro continentes: Angola (12,7 milhões), Brasil (198,7 milhões), Cabo Verde (429 mil), Guiné-Bissau (1,5 milhão), Moçambique (21,2 milhões), Portugal (10,7 milhões), São Tomé e Príncipe (212 mil) e Timor-Leste (1,1 milhão). É a sexta língua mais falada do mundo (por mais de 250 milhões de pessoas). Na internet, o português é o sexto idioma mais usado. Trata-se de um vasto universo de falantes que abrange todos os continentes, com uma enorme diversidade e riqueza cultural. A lusofonia é motivo da criação de incontáveis grupos, ONGs, associações e movimentos pelo mundo.

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP

Organização assinada entre países lusófonos que instiga a aliança e a amizade entre os signatários. A sede fica em Lisboa, e seu atual secretário executivo é Domingos Simões Pereira, de Guiné-Bissau. Criada em 1996, tem autonomia financeira e como objetivos: a organização política entre seus estados-membros para o reforço da sua presença no cenário internacional; a cooperação em todos os domínios; e a materialização de projetos de promoção e difusão da língua portuguesa.

Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP

Grupo dos cinco países que foram colônias de Portugal e que obtiveram a independência entre 1973 e 1975, constando entre os dez países mais jovens do continente: Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Além da língua, compartilham um forte sentido de identidade devido à sua história, trabalhando conjuntamente para o desenvolvimento da educação e preservação da língua portuguesa e suas tradições.

“Eis a nossa sina: esquecer para ter passado, mentir para ter destino.”

O outro pé da sereia, Mia Couto

O escritor moçambicano Mia Couto é um dos grandes nomes da literatura em língua portuguesa contemporânea. Nascido na cidade de Beira, em 1955, Antônio Emílio Leite Couto chegou a cursar Medicina em Maputo, capital de Moçambique, onde havia um ambiente racista muito forte e o regime exercia grande pressão sobre os estudantes universitários. Assim, Mia começou a colaborar com a Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO, partido marcado pela luta da independência de Moçambique de Portugal.

Após a independência de seu país, em 1975, ingressou na atividade jornalística, na qual permaneceu por 10 anos, abandonando a profissão para terminar o curso de Biologia em 1989, especializando-se na área de Ecologia. A partir daí, manteve colaboração dispersa com jornais, cadeias de rádio e televisão, dentro e fora de Moçambique. Hoje, atua como biólogo na área de estudos de impacto ambiental.

Mas é como escritor que Mia tornou-se mundialmente conhecido. Ele é o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no mundo e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal (com mais de 400 mil exemplares). Entre suas obras mais significativas estão a coletânea de contos *Vozes anoitecidas* e os romances *Terra sonâmbula* e *O último voo do flamingo*, ambos adaptados recentemente para o cinema. Seus livros *A Varanda do Frangipani* e contos extraídos de *Cada homem é uma raça* foram adaptados para o teatro. Recentemente, publicou a coletânea de ensaios *E se Obama fosse africano?* e, em 2012, seu mais recente romance, *A confissão da leoa*.

A literatura de Mia Couto é exaltada não só pela forma como ele descreve e trata a vida cotidiana da Moçambique contemporânea, mas, principalmente, pela inventiva poética, numa permanente descoberta de novas palavras através de um processo de mestiçagem entre o português “culto” e as várias formas e variantes dialetais introduzidas pelas populações moçambicanas. O autor cria, se apropria, recria e renova a língua portuguesa em diferentes direções.

“Tristeza não é chorar. Tristeza é não ter para quem chorar.”

A confissão da leoa, Mia Couto





UMA HISTÓRIA TECIDA



eram a principal importação da África: uma transformação radical na cultura do continente. A partir de 1850, a construção de estradas e a facilitação do transporte dos produtos desestimulou o investimento na industrialização do continente. A falta de recursos impediu que os próprios africanos investissem em tecnologias para competir e ampliar as técnicas locais. A produção local sobreviveu apenas pelo *status* que os produtos manufaturados detinham junto à elite.

A influência da estética africana, com suas cores e padronagens, a arte da tecelagem e o valor dos símbolos contidos nos tecidos e nos artefatos vieram junto com os escravos para o Brasil. As feiras na Bahia são um exemplo: a figura da quitandeira, vendendo artesanato, roupas e comidas tradicionais, é uma influência africana.

À sombra do grande tráfico de escravos – que envolvia reis, mercadores e administradores –, o comércio de gêneros alimentícios abastecia cidades litorâneas, portos e até mesmo os navios negreiros. E não apenas comida, muitos outros itens eram vendidos: tecidos, linhas, contas, agulhas, facas, pratas, canecas, moringas, garrafas, espelhos... Esses elementos cruzaram os oceanos e chegaram ao Brasil, sendo adaptados à nossa cultura. Mas grande parte do valor simbólico das vestimentas e dos adereços africanos se perdeu com a industrialização e a popularização da estética. Os padrões falavam da relação com a comunidade, do casamento, do poder, da terra e da religião. Porém, ao sairmos pelas ruas de qualquer estado brasileiro, vamos encontrar cangas, batas, lenços e muitos adereços de coco, penas, miçangas: elementos que nos remetem à história africana e aos povos que ajudaram a construir o Brasil.



#tecelagem

Ato de tecer, entrelaçar os fios, formando tecidos. Existe há cerca de 12 mil anos e é conhecida por ser uma das mais antigas formas de artesanato.

#Era Industrial

Começou no século XVIII e durou até o final do século XIX. Caracterizou-se por três fenômenos: substituição das habilidades humanas por dispositivos mecânicos; uso de energia de fonte inanimada, especialmente a do vapor, que tomou o lugar da força humana e animal; e melhora acentuada nos métodos de extração e transformação das matérias-primas.

A África tem uma longa e rica tradição têxtil. As cores, os padrões dos tecidos, os acessórios, todos têm forte simbologia e ligação com a cultura de seus povos. Muitos grupos são identificados pelas suas vestimentas, seus costumes, que criam, assim, um estilo próprio. A valorização desses estilos resulta da política de afirmação da identidade do continente.

Na história da África, pode-se dizer que os tecidos são considerados substitutos da pintura. As primeiras versões eram feitas com casca de árvore batida. Atualmente, são encontrados sobretudo nas populações da África central, decorados com tintas vegetais em sua maioria.

Com a chegada dos mercadores europeus na costa, no século XV, a possibilidade comercial da **tecelagem** passou a ser explorada e a produção têxtil

foi encorajada, utilizando os tecidos como moeda de troca. Até hoje, o tecido africano é mundialmente reconhecido por sua excelência e beleza. Não apenas o algodão, mas os artefatos de couro e a cerâmica, arte majoritariamente feminina, são muito populares.

Com a abertura para trocas com a Europa e a Ásia, esse cenário mudou. De 1500 a 1850, os mercadores europeus tentaram substituir os produtos africanos por importações mais baratas. No século XIX, com a **Revolução Industrial**, a mudança foi drástica. Os fios importados das indústrias europeias eram mais baratos do que a produção local, ainda lenta e manufatureira. Já em 1820, os tecidos de algodão

O CORPO: INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO

O corpo é o mais sagrado e completo instrumento de comunicação nas culturas africanas e afro-brasileiras. A linguagem corporal é compreendida tão claramente que a roupa não deve inibir nem privar seus movimentos, pois, assim como o corpo, a roupa mantém uma relação muito íntima com o sagrado.

O negro não se veste, simplesmente: ele se produz. Por trás de cada gesto há um ritual que o mantém ligado à ancestralidade. Na percepção das comunidades afro, o corpo – e tudo aquilo que se pode fazer com ele ou por meio dele – se une aos múltiplos planos em que transita. Inicialmente desenvolvida para ser uma defesa, a capoeira era praticada pelos negros cativos. Os movimentos de luta foram adaptados às cantorias africanas e ficaram mais parecidos com uma dança, permitindo, assim, que treinassem sem levantar suspeitas dos capatazes.

HERANÇA AFRO

Cachaça, cachimbo, cafundó, cafuné. Essas palavras, ficando apenas na inicial “c”, fazem parte de uma longa lista de termos que usamos habitualmente e que são provindos da África. Dengo, farofa, moleque, neném, quitanda, samba... a lista não acaba. Não é só na linguagem que o continente marcou profundamente o dia a dia dos brasileiros, seus hábitos e costumes.

Outras contribuições importantes estão na música e na dança: o carimbó, o jongo, o samba e o cacuriá; nos instrumentos musicais: o atabaque, o agogô, o berimbau, o afoxé e a ganzá; nas lutas: a capoeira; na religião: o candomblé e a umbanda; na culinária: o vatapá, o caruru, a moqueca, o acarajé e a feijoada. Os africanos também trouxeram para o Brasil técnicas de produção de objetos, como modelar e cozer o barro utilizado para confecção de recipientes, bem como padrões estéticos presentes nas formas, nas decorações e no colorido.

Os movimentos corporais que acompanham o samba brasileiro devem algo ao *semba* angolano, e lembram os do batuque, gênero musical desenvolvido em Cabo Verde desde os séculos coloniais. Da África, portanto, viria boa parte da nossa “ginga”. Aliás, esta é uma palavra derivada da língua quimbundo, e nomeava uma importante rainha que governou Angola no início do século XVII, chamada Nzinga Mbandi, ou simplesmente Rainha Jinga. De nome de rainha a personagem da congada, a ginga adquiriu muitos outros significados, hoje atribuídos principalmente aos brasileiros.

A África não tem uma unidade cultural, mas apresenta enorme variedade de formas culturais e costumes. Suas crenças vão muito além do culto dos orixás ou *voduns*, que são típicos dos povos do Golfo da Guiné. Os cativos africanos que desembarcaram na Bahia, por exemplo, são de origem e cultura diferentes dos que desembarcaram no Rio de Janeiro ou em Pernambuco. Isso engrandeceu a herança cultural do país.

A MANIFESTAÇÃO DA FÉ

Na África contemporânea convivem, ao mesmo tempo, o cristianismo, o islamismo, o judaísmo e as religiões tradicionais. Essa mistura peculiar da fé também acontece no Brasil, onde são encontradas diversas manifestações de religiosidade: dos nativos, o catolicismo, os cultos africanos, o protestantismo, entre outras.

No Brasil, as religiões de matrizes africanas transcenderam a fé. Transformaram-se em elementos de reagrupamento e um importante fator na luta contra a escravidão. Foram criados **sícretismos** entre os deuses dos cativos e os santos católicos. Duas grandes religiões afro-brasileiras são o Candomblé e a Umbanda.

No Rio Grande do Sul, desponta o **Batuque**, fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria. É interessante notar a adaptação do Batuque ao contexto regional. Oxum, a deusa das águas doces, tem como oferenda a polenta, influência da colônia italiana. O Bará, divindade das encruzilhadas e dos caminhos, recebe batatas-inglesas assadas, popularizadas pela colônia alemã no estado. A veste ritual masculina é a bombacha, e o churrasco é o alimento preferido de Ogum, o deus da guerra e das artes manuais.

BELEZA NEGRA

A África nunca esteve distante do culto à beleza, não apenas do corpo, mas também da beleza expressa nas diversas formas de arte. Na cultura africana, a concepção do belo está ligada ao bem e ao verdadeiro. Ao longo da história, os cabelos receberam atenção especial nas culturas de matriz africana no Brasil. Em especial, nas culturas de origem **banto**. Em conjunto com o rosto, os cabelos definiam a pessoa e o grupo a que pertencia. É um complexo sistema de linguagem que pode

indicar posição social, identidade étnica, origem, religião, idade. Principalmente a partir dos cabelos é possível resgatar memórias ancestrais.

“O negro é lindo!” era uma das premissas do movimento **Black Power**. Ele se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil. Para além da procura pela beleza, assumir o gosto e o respeito pelas diferentes formas da estética negra sinaliza um pertencimento e um orgulho dessa herança.

#sícretismo

Fusão de doutrinas de diversas origens, seja na esfera das crenças religiosas, seja das filosóficas.

#Batuque

Palavra originária da expressão *batukajé*, numa referência ao bater dos tambores típico das cerimônias de religião.

#banto

Grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsaariana que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes.

#Black Power

Slogan político e nome que agrega várias ideologias destinadas a promover o movimento negro. Foi destaque nos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos, ressaltando o orgulho racial e lutando pela criação de instituições políticas e culturais para cultivar e promover interesses e valores negros.

This image shows a full page of white paper with horizontal dotted lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page, providing a guide for handwriting practice. There are no margins, text, or other markings on the page.

lusófono – arte – África – racismo – religião – Coltan – literatura – etnias – dança – Brasil – cultura – moda
sincretismo – cinema – preconceito – leis – educação – diferenças – samba – corporeidade – escravidão
independência – geografia – colônias – fotografia – tecelagem – fé – afro-brasileiro – língua portuguesa

O Fronteiras Educação configura-se em um importante espaço para se pensar, com a “Geração Z”, temas relacionados à compreensão dos grandes problemas da contemporaneidade, com linguagem e recursos apropriados à idade e à visão do mundo desse público.

Catálogo na Fonte

D556

Diálogos com a Geração Z fronteiras educação: África: desafios de um continente globalizado / Fronteiras do Pensamento. – Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2012.
30 p. : Il ; 25 cm.

ISBN: 978-85-99979-08-2
Ano 3, nr. 4, 2012

1. Educação – Geração Z. 2. África - História.
3. Arte Africana. 4. África – Raça e Etnias I. África: desafios de um continente globalizado. II. Fronteiras do Pensamento.

CDD 916

Agradecemos pela parceria institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED) na realização do Fronteiras Educação.

Agradecimentos
Colégio de Aplicação da UFRGS
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre
Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre

A “Geração Z” é sujeito e protagonista do mundo em que vivemos no século XXI. Com amplo acesso a todos os caminhos da informação abertos na esfera digital, ela pode chegar a uma qualidade de conhecimento extraordinária, revolucionária. Além disso, redimensionamos os corpos e hoje incluímos próteses digitais variadas, que nos conectam a uma imensa rede internacional. A amizade, o amor e o conhecimento ganharam um novo cenário. Isso nos dá potência para aprender sobre o patrimônio e os desafios da humanidade e, com o conhecimento, agir para melhorar o mundo, em atitudes que vão do indivíduo à nação, do bairro ao globo conectado. Precisamos aprender mais deste mundo globalizado, começando pela África. Continente fundamental, de onde proveio a humanidade, fonte de riquezas naturais e culturais, mas também vítima da voracidade dos exploradores. A África de problemas graves como a guerra e a fome, doenças, violência política e crises de direitos humanos. Mas também a África lusófona, literária e artística, rica em cultura. Enfim, um mundo a ser explorado.

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



Ministério da
Cultura



ISBN 978-85-99979-08-2



9 788599 979082